

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mila Clitia Barbosa dos Santos

**ISLÃ: DIREITOS E DEVERES DA MULHER MULÇUMANA E O FEMINISMO ISLÂMICO
COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA POSIÇÃO SUBALTERNA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MILA CLITIA BARBOSA DOS SANTOS**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672130A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“ISLÃ: DIREITOS E DEVERES DA MULHER MULÇUMANA E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA POSIÇÃO SUBALTERNA”**, desenvolvido durante o período de Março de 2017 a Julho de 2017 sob a orientação de MARIA CECILIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMÕES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MILA CLITIA BARBOSA DOS SANTOS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ISLÃ: DIREITOS E DEVERES DA MULHER MULÇUMANA E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA POSIÇÃO SUBALTERNA

Mila Clitia Barbosa dos Santos¹

RESUMO

O respectivo trabalho aborda aspectos relacionados às mulheres mulçumanas, seu modo de vida, os direitos oferecidos pelo Islã e a maneira como as correntes feministas têm influenciado na forma que se relacionam com a religião. Através das pesquisas realizadas e apresentadas nesse artigo é possível inferir que desde os primórdios da religião islâmica o objetivo principal era promover a melhoria nas relações sociais, o Profeta Muhammad deixou diversos ensinamentos para direcionar o indivíduo a ter uma vida íntegra de acordo com a vontade de Allah, o Deus único segundo a crença, entre as determinações estavam os direitos e deveres atribuídos as mulheres desde sua infância até a idade adulta, principalmente no âmbito familiar. Com o advento do período da modernidade as visões vêm sendo alteradas e diversas mulheres têm dado interpretações diferentes do legado deixado pelo patriarcado e do colonialismo aos escritos do livro sagrado.

PALAVRAS-CHAVE: Islã. Mulheres. Feminismo Islâmico.

1. INTRODUÇÃO

O artigo teve como objeto principal discorrer em três partes a respeito da mulher mulçumana e seus conflitos com as sociedades diretamente influenciadas por ideias de linha patriarcal e, principalmente colonial. Iniciando com a história da religião, os aspectos que contribuíram para sua consolidação e a maneira como os ensinamentos deixados pelo Profeta Muhammad alteraram o modo de vida das populações árabes. Em relação aos direitos das mulheres muçulmanas, uma das questões mais discutidas não apenas no Oriente, mas também no mundo Ocidental, o trabalho tem como finalidade proporcionar reflexões sobre as mudanças ocasionadas pelo advento do Islã, desde os primórdios da religião até a contemporaneidade com o surgimento do feminismo islâmico que promove a releitura dos escritos sagrados de forma que favoreça a função das mulheres nos mais diversos aspectos de sua vida social.

A primeira parte do trabalho trata sobre o surgimento da religião, para estabelecer um embasamento teórico da história do Islã e sua influência nas dinâmicas sociais dos povos que viviam na península arábica. O surgimento da *ummah*, a primeira comunidade islâmica, foi um dos principais fatores que contribuíram na fundamentação da religião por meio da consciência do grupo se reconhecer como unidade. Muitos territórios foram incorporados, alguns através de guerras e outros de forma pacífica, o Alcorão foi o livro sagrado revelado a Muhammad, á qual estão contidos os ensinamentos religiosos que os crentes devem seguir, diversas regiões absorveram a doutrina islâmica, no entanto, o fato de serem sociedades diferentes que tiveram perspectivas distintas e conseqüentemente, interpretações divergentes a respeito das normas dos escritos sagrados, tal fator refletiu no estilo de vida da mulher árabe.

Na segunda parte do artigo foram mencionadas as leis islâmicas relacionadas à família, que é considerada a célula da religião, e às mulheres, a partir do ponto de vista dos mulçumanos. O Islã apresentou benefícios antes inexistentes no mundo árabe como, por exemplo, o direito a herança e ao divórcio para as mulheres, mas o argumento principal está em torno do questionamento “Até que ponto as leis teóricas estabelecidas se diferem das condutas práticas dos crentes?”, o Alcorão determina a igualdade entre os membros da religião e é através dessa questão que as feministas islâmicas estabelecem suas causas.

A terceira parte apresentou o feminismo islâmico, seus objetivos e as perspectivas de algumas dessas figuras femininas que fazem parte do movimento. Utilizando dados da pesquisa antropológica realizada pela Professora Doutora Cila Lima formada na Universidade de São Paulo em Letras, Filosofia e Ciências Humanas, pesquisadora do Oriente Médio e Mundo Mulçumano, em resumo a finalidade das feministas islâmicas é, sobretudo fazer uma releitura de sua religião de maneira que garanta suas liberdades individuais e sociais. Para concluir foram utilizados termos da indiana Professora Doutora Gayatri Chakravorty Spivak, por meio dos

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: clitia22@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

estudos de Heloisa Buarque de Hollanda (1994) em seu livro “Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura”. Importantes questões de pauta feminista foram abordadas, relacionando o colonialismo e o lugar que a mulher subalterna ocupa na sociedade patriarcal.

Muitos outros textos e autores foram utilizados para a realização de uma pesquisa que pudesse levar a conclusões concretas na construção desse trabalho que tem como intuito por meio de uma linguagem clara e objetiva promover reflexões a partir dos mais variados pontos de vista, tanto religioso quanto científico, pois só é possível compreender as ações humanas através do conhecimento fundamentado.

2. História do Islã

2.1 - Surgimento e Expansão da Religião

A formação da religião islâmica se deu por volta do século VII, em um contexto de guerras e disputas territoriais desde a Europa Ocidental até o Oriente Médio. Na península arábica viviam os chamados povos semitas. Os habitantes da parte sul baseavam sua economia no setor primário, já os do norte eram comerciantes conhecidos como coraixitas. A maioria deles era politeísta e muitos haviam sido influenciados por práticas culturais gregas e judaicas, dividiam-se em tribos e suas respectivas religiões era o principal fator que os distinguia. A revolução no mundo Árabe ocorreu com o surgimento do Islã, fundamentado através de Muhammad ibn Abdallah. Nascido em Meca, após ficar órfão foi criado por seus tios. Aos 25 anos conheceu Khadija, uma viúva rica com a qual se casou e teve quatro filhas e dois filhos. Foi quando lhe acompanhava em suas caravanas destinadas às atividades comerciais pelo interior da península arábica que Muhammad entrou em contato com cristãos e judeus. De acordo com historiadores essas crenças tiveram uma forte influência na formação da doutrina islâmica. Todo ano durante o período de Ramadã, Muhammad ia ao monte Hira para jejuar e fazer caridade. Há algum tempo ele observava problemáticas sociais, percebia que os grupos mais pobres estavam sendo cada vez mais explorados à medida em que Meca expandia sua economia. De acordo com Muhammad, no dia dezessete do mês de Ramadã, ele foi visitado pelo arcanjo Gabriel que lhe apresentou Allah, o Deus único, e o mandou que recitasse os versos que seriam revelados a ele. (ARMSTRONG, 2001, p.41)

Muhammad compartilhou suas primeiras revelações somente com sua esposa e com o primo dela. Apenas no ano de 612 D.C. o Profeta passou a transmitir publicamente os ensinamentos de Allah, os primeiros convertidos foram aqueles que viviam às margens da sociedade, sobretudo mulheres e pobres, conturbados com o quadro de desigualdade que enfrentavam. Ele não desejava criar uma nova religião, mas levar ao povo a crença monoteísta que por muito tempo havia sido substituída por práticas e costumes pagãos. Os capítulos (*sura*) e os versos (*aya*) recitados de forma poética aos crentes compuseram o Alcorão que passou a ser o livro sagrado da religião. Seus mandamentos eram voltados para comportamento em sociedade, visando reorganizá-la de forma que o povo se tornasse menos egoísta. Todos jejuariam no mês do Ramadã para lhes remeter a situação em que os pobres se encontravam e a partir daí eles formariam a *ummah*, uma nova comunidade na qual toda riqueza deveria ser repartida igualmente. Era dever de todos manter a harmonia político-social e a prosperidade seria o sinal de que estavam agradando Allah. (ARMSTRONG, 2001, p.42- 45)

Muhammad não desejava que outros povos negassem sua fé. Pregava, sobretudo, o respeito às outras formas de crenças, exceto ao politeísmo que era combatido através dos ensinamentos do profeta, pois o Islã parte da crença em um único Deus. Dessa maneira judeus e cristãos não tinham obrigação de se converterem ao islã e os muçulmanos continuavam a realizar suas peregrinações a Caaba, santuário antes destinado aos rituais pagãos, que após a fundação do Islã fora consagrado a Allah, se localizava em Meca. Na *ummah* deveria existir completa igualdade, pois havia pessoas, refugiadas das imposições dos coraixitas de diversas culturas e crenças que tinham encontrado sua proteção por meio dessa comunidade. (ARMSTRONG, 2001, p.49-51)

O Islã começou a ser perseguido a partir do momento que os homens com grande influência política e financeira começaram a questionar o conceito de como os fiéis seriam julgados no Juízo Final do ponto de vista dos muçulmanos. Não aceitavam o fato que seriam beneficiados ou penalizados segundo suas obras, e não simplesmente por sua condição econômica. Havia uma forte tensão em torno da perspectiva que Muhammad poderia assumir questões políticas e se tornar um líder no âmbito local, temiam também perder seus negócios, pois Meca recebia peregrinos de todas as regiões para cultuar seus ídolos na Caaba e essa nova crença que estava ganhando força poderia prejudicar a ida desses peregrinos. Diante disso eles determinaram que não seriam concedidas negociações aos muçulmanos e nesse momento se iniciou a fase de escassez de alimentos. Foi nesse período que Khadija morreu e logo depois seu tio e protetor, o que representava um grande problema,

pois de acordo com a lei vigente um homem que não tivesse um protetor poderia ser morto, de maneira que sua morte não seria vingada. (ARMSTRONG, 2001, p.52-53)

Diante de tantos problemas, Muhammad percebeu que eles deveriam deslocar a *ummah* para a região de Yathrib, cidade vizinha onde viviam muitas pessoas que eram adeptas ao monoteísmo e desejavam se integrar a uma tribo que lhe oferecessem a segurança de uma comunidade religiosa. Concordaram em proteger uns aos outros mutuamente sem estabelecer desavenças entre si. A saída do Profeta de Meca para Yatrib (atual Medina) marca a Hégira, o início do calendário muçulmano e uma nova etapa na religião islâmica, que passou a crescer de tal forma que atualmente é a segunda maior religião mundial, estando atrás somente do cristianismo. Muhammad construiu uma mesquita na nova cidade muçumana e todas as outras foram construídas no mesmo padrão. Ele e suas esposas viviam ao redor do templo, especificamente no pátio. O Alcorão não determinava a distinção entre o puro e o impuro, toda natureza da vida estava incluída no plano divino. Todas as questões da comunidade eram discutidas na própria mesquita. Em Medina, Muhammad se tornou um líder em todos os âmbitos na primeira comunidade de segmento muçumano. (ARMSTRONG, 2001, p.53 - 54)

2.2 – Doutrina e crenças

A doutrina principal da nova religião se baseava na crença de um Deus único criador de tudo que existe no universo. Adão teria sido o primeiro homem criado e assim como na crença judaico-cristã, todos eram descendentes de Abraão. No entanto, ao contrário dos judeus, os árabes descendiam de Ismael, o filho mais velho fruto de uma relação entre Abraão e sua escrava Agar. Os dois teriam sido mandados para o deserto, onde permaneceram em Meca, mas Abraão passara a realizar visitas freqüentes e a partir desse momento ele e Ismael teriam reconstruído a Caaba. Os muçumanos deveriam fazer suas preces voltados para Caaba, não para Jerusalém como antes e como faziam os judeus. Desejavam voltar aos primórdios de suas raízes e restabelecer o elo puro com Allah. (ARMSTRONG, 2001, p.58-59)

Em Medina, surgiram muitos conflitos, pois havia muitos habitantes locais que eram contrários a doutrina islâmica, por outra perspectiva em Meca o Islã se desenvolvia através dos parentes de Muhammad. Diversas tribos desejavam fazer parte da *ummah*, foi então que o Profeta formou uma grande tribo. Em 630, Muhammad conquistou Meca, e a Caaba tornou-se a representação referencial do islã, quase todos os povos árabes estavam sob comando de Muhammad.

Os conflitos entre muçumanos e judeus se tornaram notórios, principalmente após a fundação do Estado Israelita que culminou na perda do território palestino. De acordo com o Alcorão a guerra só deve ser realizada em última instância e Muhammad desejava estabelecer mudanças sociais de todas as maneiras pacíficas que estivessem ao seu alcance. Suas realizações transformaram as dinâmicas sociais dos muçumanos. Muhammad é considerado o principal e também o último profeta nomeado por Allah, o verdadeiro exemplo de submissão que através de sua fé havia conseguido constituir a harmonia entre as tribos, ampliar a influência islâmica e unificar territórios. (ARMSTRONG, 2001, p.63 - 75)

O Islã parte da ideia que a religião é algo intrínseco ao ser humano e para segui-la basta aceitar os ensinamentos do Deus único, Allah, sabendo que não há outra divindade ou homem que possa se equiparar a ele, e obedecer aos preceitos deixados ao Profeta Muhammad. Além do Alcorão há a *sunnah* composta por *hadiths* transcrita por figuras próximas a Muhammad que relataram parte de suas ações e falas. O Islã se apoia em cinco pilares que direcionam a vida do crente, o primeiro e o mais importante deles é o testemunho da fé, que consiste na consciência que Allah é o verdadeiro Deus e Muhammad seu último mensageiro, segundo orar cinco vezes durante o dia para fortalecer os laços com o criador, terceiro sempre auxiliar os menos favorecidos da sociedade como forma de purificar-se, quarto jejuar no mês de Ramadã, se privando de tudo que é material para que o espírito possa se elevar e quinto a peregrinação a Meca, conhecido como Hajj, uma vez na vida o fiel precisa visitar a cidade e prestar suas adorações a Allah. (IBRAHIM, 2008, p. 64 - 66)

Em relação à sociedade e a cultura islâmica, suas conquistas territoriais levaram a formação de uma nova consciência coletiva, seus domínios ultrapassaram fronteiras desde o norte da África até o Ocidente Indiano, diversas culturas absorveram a doutrina islâmica e adaptaram aos seus costumes regionais mantendo a base de sua estrutura, a família como célula da religião e da sociedade que seguia o modelo poligâmico se o homem pudesse tratar igualmente suas esposas que se limitava em quatro legítimas, em um *hadith* é dito “O mais perfeito entre os crentes na fé é o melhor entre eles na moral. E o melhor entre eles são aqueles que são melhores para as suas esposas.”. (VAINFAS; FARIA; FERREIRA; SANTOS, 2012, p. 104). (AZIM, 2013, P.46)

Após a morte do Profeta Muhammad surgiram muitos conflitos internos em torno de quem o sucederia, a partir desse impasse houve a fragmentação das correntes de pensamento, surgimento de grupos extremistas e

de grupos mais pacíficos, mas a determinação dos direitos e deveres como cidadão muçulmano permaneceram os mesmos nas mais diversas instâncias. Pouco se fala sobre os direitos humanos e da justiça determinados no mundo islâmico, mas com a expansão da religião e no decorrer do tempo foram necessárias criações de leis baseadas nos ensinamentos do Alcorão que pudessem regular a dinâmica de vida dos fieis, dentro e fora do convívio familiar e religioso. De acordo as determinações “A vida e propriedade de todos os cidadãos em um estado islâmico são consideradas sagradas, seja essa pessoa muçumana ou não. O islã protege a honra. Portanto, no Islã, insultar outras pessoas ou caçoar delas não é permitido.” (IBRAHIM, 2008, p. 60) essa regra transcreve o quanto é abominável toda forma de pré-julgamentos, podendo resumir que a ordem primordial é o amor para com o próximo partindo da consciência que todos são iguais perante Allah.

3- Os Direitos das Mulheres Muçulmanas

Por muitos anos tem-se construído no ocidente diversos estereótipos a respeito das mulheres muçulmanas. Diante disso serão feitas análises em linhas gerais a respeito das mudanças promovidas nas leis com o surgimento do islã e o reflexo dessas alterações nas condições atuais da mulher.

No decorrer de sua vida em Meca, o Profeta Muhammad tinha apenas uma esposa Khadija, citada anteriormente, foi uma figura importante por ser a primeira seguidora, apoiando os ideais de seu marido. Com a morte de Khadija e após a sua migração para Medina, Muhammad casou-se com outras mulheres, por ser um líder de grande influência, embora as alianças estabelecidas tivessem a finalidade de expandir seu controle político local. De acordo com Karen Armstrong autora do livro “O Islã” o profeta tinha certa predileção por Aisha, sua esposa mais jovem. A maioria das outras mulheres com as quais o profeta havia se casado tinham idade mais avançada e não possuíam alguém que pudesse protegê-las, tinham também aquelas que possuíam ligações consanguíneas próximas aos chefes tribais que passaram a fazer parte da comunidade muçulmana que Muhammad havia formado. (ARMSTRONG, 2001, p. 55- 56)

O profeta desejava que todas as suas esposas seguissem com fidelidade os preceitos islâmicos, de acordo com Karen Armstrong ele as tratava com ternura, as deixava opinar e até mesmo o contradizer. Muhammad as auxiliava na organização dentro do lar e dava grande importância à presença delas. A mensagem transmitida pelo islã passou assegurar alguns direitos às mulheres que antes eram inexistentes na região, como o direito ao divórcio e a herança, direitos que ainda demoraram séculos para serem concedidos às mulheres pertencentes ao mundo ocidental (CLARK, 2018, p.197). As viúvas que antes eram consideradas como propriedade de seu esposo, deveriam se casar com um dos parentes do marido que havia falecido. O Islã extinguiu tal costume, dando-lhes o direito de escolher a pessoa com a qual desejava se unir. (AZIM, 2013, p. 44)

De acordo com dados fornecidos em livros de divulgação da religião oferecidos nas mesquitas localizadas no Brasil que se referem às mulheres e seus direitos, no intuito de desmistificar sobre o que seriam apenas estereótipos e a realidade dessas mulheres. O texto se inicia com a comparação do pecado original na ótica judaico-cristã. Ao contrário desses, para os muçulmanos Eva não seria quem havia oferecido o fruto proibido a Adão, os dois tinham pecado igualmente diante de Deus. Tal fato, não condenava mais as mulheres do delito inicial e reconhecia ambos os sexos como seres suscetíveis ao erro. Na Arábia Pré Islâmica, crianças do sexo feminino eram mortas constantemente, por acreditarem que uma filha representaria um peso para família, o Alcorão proibiu tal prática conscientizando que independente do sexo da criança todos deve estar alegre com o nascimento e aqueles que criassem suas filhas com zelo teriam suas recompensas. (AZIM, 2013, p. 6-14)

Em relação à menstruação, a lei do Islã diz não a considerar impura, porém são impostas algumas restrições às mulheres em período menstrual como não ter relações sexuais, não realizar os jejuns ou participar das orações. (AZIM, 2013, p. 17-18)

No livro “Islã para Leigos” escrito por Malcon Clark, é transcrito a respeito da ética sexual em parâmetros islâmicos. Assim como no período de Muhammad, a relação sexual não é um tabu religioso, mas sim um presente divino entre o homem e sua esposa, mas após a consumação do ato e antes de realizar um ritual se faz necessário a purificação do corpo. E para justificar a proibição da relação durante o período menstrual, diz-se que o contato com sangue só pode ser feito mediante a retirada das impurezas.

Ao se referir as relações sexuais antes do casamento, as medidas punitivas são alarmantes ao que diz respeito às mulheres, acarretando problemas para toda família. Muitas são mortas, até mesmo em caso de estupro, um homem da sua família pode pôr fim a sua vida, é a chamada morte por honra, exige-se que as mulheres se casem virgens. Apesar de serem contrárias às leis impostas pelo Alcorão, é uma medida tomada

ainda no mundo muçulmano², nos países onde é permitida. A prostituição, homossexualidade e o sexo anal não estão de acordo com o Alcorão e a Sunna, assim como a pornografia, pois essa poderia causar desejos pecaminosos e é considerada como algo que deteriora a imagem das mulheres, incitando também a prática do adultério. (CLARK, 2018, p.193 - 194)

Métodos contraceptivos são aceitos no Islã, apesar dos mais conservadores não aceitarem tais medidas. O aborto, apesar de não ser muito realizado, por causa da ideia do quão importante é a construção da família, é permitido antes do quarto mês de gestação. Depois desse período é considerado assassinato. Já a inseminação só pode ser realizada com o espermatozoide do marido. Não pode ser explorada a sexualidade feminina ou masculina para marketing. Em todos os aspectos observa-se que o indivíduo não é tratado como unidade, mas um ser integrante do conjunto, o todo da sociedade, todas as medidas são tomadas de forma mútua. (CLARK, 2018, p. 194 - 195)

A família é o principal componente no Islã, por isso a maioria das leis está voltada para o âmbito familiar. A união conjugal é um privilégio de Deus que deve ser comemorada e mantida, no entanto, uma muçulmana só pode se casar com um homem da mesma religião, o casamento não é realizado de maneira privada, o contrato deve ser feito pelo homem que deseja se casar e pelo representante masculino da mulher. Desde cedo os jovens são incentivados a construir uma vida familiar no livro “Islamismo” do autor Jacques Jomier, no sexto capítulo “A lei do Islã e a vida social” diz que todos os membros de acordo com as normas são iguais, porém na realidade há muitas diferenças em relação aos direitos e deveres de cada um, por exemplo, o esposo deve garantir o sustento da mulher e dos filhos, enquanto a mulher deve se submeter ao esposo. (JOMIER, 2002, p.133 - 134)

No início da cultura islâmica o principal objetivo da mulher era chegar à maternidade. Em contextos modernos há uma grande disparidade entre a muçulmana que segue as linhas tradicionais daquelas que não se limitam apenas ao ambiente do lar. De acordo com a autora do livro o “Islã”, Karen Armstrong as primeiras mulheres do profeta participavam ativamente das políticas da comunidade. A figura materna para os membros do islamismo deve ser honrada. Em relação à herança, apesar de ser um direito dado segundo os muçulmanos cerca de 1300 anos antes dos ocidentais reconhecerem, a filha recebe apenas metade de toda herança dada a um filho, na justificativa que esse precisa sustentar sua própria família. (ARMSTRONG, 2001, p.56). (CLARK, 2018, p. 198). (AZIM, 2013, p.41)

A poligamia é um assunto bastante discutido, como no ocidente são relações sancionadas por leis, causa um grande estranhamento, a maior parte das pessoas julga como algo que degrada a imagem feminina por aceitar dividir um relacionamento. O Islã não impõe a poligamia, mas permiti-la trouxe muitos benefícios para expansão da religião. De acordo com Jacques Jomier (2002) a poligamia em contextos atuais é pouco praticada no Egito, ela ocorre na maioria das vezes pela necessidade de ter um protetor e nos casos em que não havia condições financeiras para garantir seu sustento (p. 144-145). No livro “A mulher no islam mito e realidade” do muçulmano Sherif Abdel Azim é dito que há diversos casos de relações fora do casamento no mundo ocidental que terminam em divórcio e a poligamia impede situações como essas, garantindo o bem-estar principalmente das crianças. (AZIM, 2013, p. 45 - 52)

A respeito do adultério, o Islã tem medidas estritamente rigorosas, é considerado um crime que recebe as medidas punitivas mais severas, de acordo com a Sura 24:2 o indivíduo pode receber desde 100 chibatadas até a morte por apedrejamento, já uma falsa afirmação resulta em 80 chibatadas ao acusador. Na perspectiva dos muçulmanos a respeito das leis relacionadas ao divórcio, o casal deve evitar ao máximo a separação, exceto em situações extremas que não há outra solução plausível. Nesse caso, ambos têm seus direitos assegurados, segundo as regras corânicas os presentes dados a esposa é propriedade somente dela e não pode ser devolvido, apenas no caso em que foi ela quem pediu o divórcio. No contexto em que há maus tratos, irresponsabilidade conjugal por parte do esposo, a corte deve desfazer a união. (CLARK, 2018, p. 196). (AZIM, 2013, p.32-33)

Segundo o Alcorão o esposo deve ser solidário com suas mulheres, provando dessa forma ser um bom muçulmano, porém um homem pode divorciar-se apenas ao pronunciar o termo “eu me divorcio de você”, antes deveria ser dito uma vez a cada mês para que fosse concretizado de fato, no entanto, com o tempo foi permitido que fosse dito três vezes apenas em uma ocasião, esse repúdio junto à poligamia são os assuntos mais discutidos nas pautas feministas. (JOMIER, 2002, p. 146 - 147)

² O termo “Mundo muçulmano” é empregado no intuito de abranger indivíduos que aderiram à crença islâmica.

É possível observar que há uma série de leis criadas para assegurar a integridade feminina, no início do Islã há relatos de mulheres como Aisha que foram figuras importantes na religião. Diversas delas combatiam junto aos homens a favor das doutrinas e dos territórios que defendiam, não apenas o Islã, mas também o cristianismo com o tempo foram diretamente influenciados pelo patriarcado³ que ainda é um problema em todas as sociedades, trazendo opressão e diminuição dos direitos que são oferecidos as mulheres.

Durante a puberdade iniciam algumas segregações, a mulher só pode mostrar o rosto à figura paterna e aos parentes próximos às quais elas não podem casar-se. No ocidente o véu, chamado Hijab é quase sempre associado à opressão vivenciada por essas mulheres, mas é de suma importância analisar a tese defendida pela religião no livro “A mulher no Islam Mito e Realidade”, de acordo com o qual o Alcorão determina que as mulheres se cubram como medida de reverência, mas principalmente como forma de proteger seu corpo para impedir que homens a molestem (p. 55). Com o advento da modernidade o estilo de usar o véu tem se diferenciado de acordo com a região em que vive a muçulmana, algumas nem utilizam por viverem em ambientes segregados dos homens, diversas mulheres deixaram de usá-lo devido suas atividades diárias, que envolvem universidades em países altamente preconceituosos, no trabalho e entre outros. (JOMIER, 2002, p. 136 - 137)

Teoricamente há muitos benefícios em relação à vida íntegra de uma muçulmana, a forma que o homem deve tratá-la seguindo o modelo de Muhammad que as oferecia todos os cuidados possíveis, prazer e ouvia seus conselhos fazendo-as participantes diretas das causas que defendia. No livro “A mulher no Islam Mito e Realidade” o autor que é muçulmano reconhece que na prática muitas mulheres sofrem punições severas por parte de seus esposos, muitos direitos lhes são negados, apesar de não poder fazer generalizações, pois de acordo com dados o Islã é a religião que mais cresce no mundo e a maior parte das pessoas que estão aderindo são mulheres. É ressaltado também que se deve saber diferenciar as crenças das práticas em cada interpretação, pelo grande alcance a maioria das sociedades não seguiram de fato o modelo islâmico, diante disso há muitas mulheres que estão lutando constantemente por seu reconhecimento segundo os ideais corânicos, para obter seus direitos permanecendo fieis às suas crenças. (AZIM, 2013, p.58-63)

4 - Feminismo Islâmico

O feminismo Islâmico, apesar de não ser um movimento homogêneo no mundo muçulmano, aponta algumas questões em comum a respeito dos direitos das mulheres, como a ideia que deve se conservar o conceito da comunidade, compartilhada por ambos os sexos, sem a segregação que é imposta. Desse modo essas mulheres reinterpretam o livro sagrado dos muçulmanos para que seus benefícios sejam reconhecidos, utilizando também algumas falas deixadas por Muhammad, que fora o exemplo de servo perfeito que valorizava de muitos modos suas esposas.

O objetivo das feministas muçulmanas é desmistificar a interpretação patriarcal predominante, pois em diversos locais essas mulheres são extremamente desrespeitadas sendo consideradas cidadãs isentas de valores humanos, mesmo que o livro sagrado tenha determinado que todos são e têm direitos iguais perante Deus, segundo elas o Alcorão é um instrumento de libertação e não um instrumento de opressão. Isso ocorre principalmente pelo motivo que o patriarcado tem dominado toda sociedade, por meio da visão de Deus como gênero masculino e esse se torna o símbolo de dominação, resultando no fato em que as normas da casa são ditas pelo homem e toda família se submete as suas regras.

4.1 – Ser feminista e muçulmana

A Professora Doutora Cila Lima em seu artigo “Um recente movimento político e religioso: feminismo islâmico” publicado em 2014 apresenta argumentos de figuras como a Iraniana Ziba Mir-Hosseini que diz “o polêmico relacionamento entre o Islã e o feminismo deve ser analisado sob um ponto de vista que englobe, entre outros aspectos, os efeitos do anticolonialismo e do nacionalismo.”(p.682). Essa frase demonstra o quanto o mundo ocidental tem influenciado na construção de perspectivas preconceituosas, pois é necessário diferenciar os conceitos da religião, dos atos de alguns fieis, a dominação e o olhar etnocêntrico acarretaram uma série de problemáticas, excepcionalmente as mulheres que sempre foram colocadas em um patamar inferior dos homens

³ Patriarcado: “Conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os possibilitam a controlar as mulheres.”.
Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/patriarcado/>>

em geral e essas pertencentes ao terceiro mundo sofreram ainda mais com os julgamentos externos e internos também. Grande parte dos muçulmanos acredita que o feminismo surgira a partir das mais diversas influências globais e essas mulheres estão constantemente pressionadas a aceitar o lugar que lhe é imposto ou permanecer na busca por seu reconhecimento. (LIMA, 2014)

A maioria das mulheres reivindica questões relacionadas ao trabalho, segundo elas o Alcorão dá o direito para que exerçam atividades remuneradas, no entanto, é restringido a trabalhos que são ditos de sua vocação, como pediatria, área da educação infantil e alguns outros. O artigo de Cila Lima relata que a iraniana Ziba Mir-Hosseini coloca essa ideia como sendo um relativismo cultural. Como já foi transcrito anteriormente a respeito dos direitos e deveres das muçulmanas, é possível perceber que todas as determinações que abrangem desde a justiça até os benefícios estão contidos nos ensinamentos deixados por Allah, cabendo somente aos seguidores compreender da maneira correta, percebendo as essências principais dos textos, enxergando a importância da cooperação mútua de cada indivíduo integrante do meio.

O texto “Um recente movimento político e religioso: feminismo islâmico” da autora Cila Lima (2014) revela algumas reivindicações dos movimentos feministas envolvendo questões familiares e sociais. Na interpretação de um trecho do Corão: “no momento em que a mulher está para dar à luz e amamentar, o homem é chamado pelo Alcorão para auxiliá-la, como no versículo, aya 34, sura 4 (al-Nisa’i), ‘Homens são responsáveis por (qawwamuna’ala) mulheres porque Deus deu a um mais do que o outro[...]’”(p.683) de acordo com as feministas islâmicas o termo *qawwamuna’ala* tem como tradução prover, elas acreditam que as mulheres podem prover para si seus recursos, já na visão patriarcal esse dever é dado somente aos homens. (LIMA, 2014, p. 683)

Em uma análise da antropóloga iraniana Ziba Mir-Hosseini relatada pela autora Cila Lima no artigo “Um recente movimento político e religioso: feminismo islâmico” é dito: “[...] há uma diferença entre jurisprudência derivada de seres humanos e a interpretação e shari’a, ou ‘a fé’ como revelação incorporada no Alcorão. A sobreposição do fiqh e shari’a tem criado um cordão sanitário ao redor das construções patriarcais de jurisprudência, efetivamente bloqueando as ideias e ações de leituras e práticas igualitárias do Islã.” (LIMA, 2014, P. 684)

No livro “Vozes femininas nas Religiões Mundiais” agrega uma série de artigos escritos por mulheres pertencentes as mais diversas religiões na terceira parte que se refere ao Islã, “O despertar da mulher nas comunidades muçulmanas. Em foco, a situação na Alemanha” escrito por Hamideh Mohagheghi fala sobre sua experiência na Alemanha, ela diz que o tratamento dos homens em relação às muçulmanas teve uma melhora, mas que ainda é preciso compreender a doutrina para que haja progressão de fato. O conjunto de normas em si, mostra que deve haver respeito mútuo de ambas as partes, mas a forma como a doutrina é vivenciada, sofre influência de vários fatores, dentre eles a região dos seguidores. Se comparados aos países ocidentais o estranhamento é inevitável, mas observar apenas fatos e comportamentos não resulta na compreensão verdadeira, pois essas mulheres fazem parte do conjunto, é perceptível que Muhammad desde os primórdios do Islã tentava ensinar o quando a comunidade representava uma unidade tanto dentro do âmbito familiar quanto fora e os comportamentos dos indivíduos deveriam seguir padrões para que alcançassem o divino. (MOHAGHEGHI, 2006, p. 70 - 80)

Hamideh Mohagheghi faz parte da Organização das Mulheres Muçulmanas, e seu objetivo gira em torno de reinterpretar os conceitos islâmicos, na região da Alemanha onde existem milhares de muçulmanas lutando de acordo com seus ideais defendidos. Esses locais oferecem instruções a essas mulheres e formação intelectuais, aprendendo um pouco mais da vida islâmica e sendo orientadas para ter uma conduta coerente a doutrina, pois na maior parte das vezes em seu dia-a-dia essas mulheres sofrem influências diretas ou são vítimas de preconceitos no mundo ocidental, fazendo com que percam alguns de seus valores religiosos.

A autora conta também como é viver em uma comunidade islâmica, pois os problemas não surgem apenas no meio externo. Em relação às normas éticas impostas e dependendo do modo como é interpretado pode culminar na exclusão da mulher nas atividades sociais e até mesmo nas mesquitas, onde há a separação dos lugares de oração, mulheres são segregadas dos homens, pelo simples argumento de poder haver distração, nos haddiths principalmente são encontradas justificativas um tanto incoerentes como a maneira que a mulher deve se portar. Hamideh descreve que na época do Profeta muitas mulheres eram membras ativas da comunidade, a participação de todas deveria ser uma obrigação, cabendo a cada um organizar sua maneira de viver aceitando ou não as restrições. Segundo a autora não se pode criar conceitos definidos da religião, condenando tudo que nos desagrada, considerando como regras ultrapassadas, pois o conceito de liberdade é algo relativo a cada indivíduo conceitos modernos não abrangem todas as realidades sociais e esse pensamento

reafirma o mesmo desejo da colonização, um fator que extinguiu milhares de culturas e não favoreceu em nada a condição feminina.

A transmissão de conhecimentos de linha patriarcal desde a infância da mulher representa uma grande dificuldade para que essas exijam seus direitos comuns, sendo de suma importância que o conhecimento lhes seja transmitido para que não sejam alvos da discriminação que ao longo do tempo tem trazido muitas dificuldades para sua ascensão na sociedade. Exemplos como Khadija, primeira esposa do Profeta, Aisha, sua filha Fátima e a Neta Zainab atuaram como mestras que ensinavam a doutrina. Quem fundou a mística islâmica foi uma mulher de nome Rabia. As releituras dos textos corânicos não alteram a interpretação da fé, mas traz um novo olhar voltado para as mulheres, não mais como seres passivos, mas figuras que podem trazer novas perspectivas para religião de sua importância e da maneira que devem ser tratadas. Apesar dos tradicionalistas não vêem com bons olhos, pois segundo eles no feminismo ocidental as mulheres se rebelaram contra o sistema, o que faz que as mulheres islâmicas procurem a revolução sem que haja o abandono de sua religião, pois o objetivo no início do Islã sempre fora melhorar as condições das mulheres e essa questão não acompanhou o passar do tempo. (MOHAGHEGH, 2006)

Em depoimento do livro “Vozes femininas nas religiões mundiais” no artigo “Herança de meu pai. Percurso de uma muçulmana feminista” de Mehrézia Labidi-Maisa conta sua relação com o pai muçulmano que passou boa parte de sua infância sendo ensinados os costumes do Islã, ela se diz uma nômade dos tempos atuais e conta seu engajamento como muçulmana e feminista vivendo na França. Ela descreve que seu pai era extremamente preocupado com sua educação e de seus irmãos, pois fazia jus as palavras de Muhammad que dizia que aqueles que garantissem o bem-estar de suas filhas, seria bem-aventurado por sua eternidade. Por essa questão Mehrézia passou a se interessar ainda mais pelos ensinamentos do profeta e seguir a religião, seu pai recebia muitas críticas pela atitude de valorizar os estudos como algo primordial a subsistência individual. Determinou que nenhuma delas se casariam antes de obter o diploma, fato que trouxe conflito até mesmo em seu lar. (LABIDI-MAIZA, 2006, p. 81 - 90)

Quando a autora do depoimento passou a ler e pesquisar mais sobre o feminismo, começou a se envolver com os conflitos que ocorriam em seu em torno e compreender que todos tinham direitos iguais, diferente do que era transmitido, pois se desviaram das causas originais, mas ela afirma que abandonar a religião não seria a melhor solução. Desse modo se inspirou em Aisha que fora uma mulher ativa nas decisões não apenas religiosas, mas também políticas e segundo relatos, amada por Muhammad. Pela ternura de seu pai se achou no dever de manter suas raízes, mas possuindo os direitos que o próprio Alcorão lhe garantia, só que diversas vezes entrava em conflito com as proibições que lhe eram impostas por outros muçulmanos que freqüentavam seu lar. Porém seu pai nunca lhe impunha nada, nem mesmo o uso do véu, ela quem tomou a decisão de utilizá-lo e enfrentou muitos preconceitos na sociedade em que vive, dentre eles a ideia de que ela era vítima de opressão e representante dos muçulmanos radicais. Ela fazia parte de uma geração de imigrantes, no entanto, a imagem preexistente ainda estava arraigada na sociedade. Sua história não era compatível com as das primeiras mulheres que haviam chegado à França, mas não podia negar a existência de muitas mulheres que sofrem com a ordem patriarcal e as injustiças diárias. Foi então que ela resolveu lutar pelas causas dessas mulheres para reapropriar-se da religião valorizando o papel de cada figura feminina.

O texto “Um recente movimento político e religioso: feminismo islâmico” da autora Cila Lima retrata a origem e as lutas de mulheres que resolveram combater por seus direitos de igualdade a partir dos parâmetros da religião islâmica. No Ocidente são disseminados estereótipos da religião em si como principal mecanismo opressor da mulher que se submete a segui-la, no entanto, as feministas islâmicas se comprometem a fazer uma releitura do Alcorão interpretando-o de forma que não permitisse a influencia do patriarcado que ao longo dos anos tem limitado seus direitos. Vale abordar onde surgiram as primeiras propostas feministas no Oriente e um dos que mais abrangem adeptas atualmente, o movimento feminista do Egito.

De acordo com Cila Lima o movimento feminista no Islã é algo recente á qual a egípcia Amani Saleh deixou importantes escritos a respeito do Alcorão nos relatos que relembram a igualdade de todos. Alguns muçulmanos tradicionais condenam o feminismo ocidental como sendo influencia colonial, já as defensoras do movimento, no Egito, por exemplo, não se abstêm da religião, mas a reafirma, não como um mecanismo de opressão do patriarcado. Segundo a autora as primeiras associações tinham uma visão tradicionalista, das mulheres se dedicando ao esposo e aos filhos, mas concordava que elas não tinham os direitos garantidos, no entanto, culpava-as por terem se associado a sociedades que tinham outras culturas. Houve também uma segunda geração de linha conservadora que acreditava também ser uma estratégia ocidental para modificação de seus costumes, a fundadora escreveu textos contra o feminismo por volta da década de 80 e 90, mas defendiam uma maior participação da mulher na sociedade e mais atuação no campo de trabalho e na vida

política. A terceira geração foi proposta por Heba Rauf tinha certo apreço pelo feminismo, se tornou uma verdadeira militante da causa a favor das mulheres, defendia a ideia da extinção da segregação, acreditando que ambos os sexos podem e devem ter seu espaço na sociedade sem distinção de gênero. Elas combateram pela reforma das leis, promoveram debates acerca de sua liberdade individual até mesmo em relação ao divórcio, pautas feministas que garantissem seus benefícios, a Associação de Solidariedade de Mulheres Árabe fundada se expandiu até os limites com a Europa, conseguindo apoio de muitas pessoas. (LIMA, 2014, p. 676 - 677)

4. 2 – Feminismo islâmico e subalternidade

No texto “Dossiê de Saberes Subalterno” escrito por Larissa Pelúcio relata que de acordo Robert Young, a antropologia primitiva classificou a cultura através das raças, o colonialismo aproximou-nos geograficamente, mas aumentou as distâncias culturais, separando-nos por cor, gênero e comportamento. Diferenciou os mais civilizados dos menos civilizados, apenas por terem costumes diferenciados dos europeus. Até nos dias atuais essa consciência ainda é terminantemente disseminada, em todo mundo os povos sofrem com as marcas da colonização que desvaloriza seus hábitos locais e menospreza suas culturas, tornando-os apenas estatísticas de um regime cruel, que degrada vidas. (PELUCIO, 2012, p.397)

O etnocentrismo extinguiu muitas culturas, no Brasil, por exemplo, a língua dos indígenas não é reconhecida e boa parte dessa população foi exterminada para servir aos colonos que desejavam apenas produzir e explorar a terra. É perceptível a maioria branca nas escolas particulares e universidades de todo Brasil, a maior parte dos negros e indígenas compõem as margens da sociedade, vítimas de preconceitos diários. E então analisamos em contextos globais, em países onde há muito preconceito de raça e economia como Alemanha, se o visitamos, seremos sempre classificados como pertencentes ao terceiro mundo.

O texto “Dossiê saberes subalternos” de Larissa Pelúcio traz a visão de feministas de diversos lugares do mundo mostrando o quanto é importante o lugar em que se expressa os anseios e as angústias às quais são submetidas. Quando se diz respeito aos subalternos poucos são aqueles que os ouvem, mas a partir do momento que dão voz a esses indivíduos é possível compreender as dificuldades que eles enfrentam resultado direto de uma longa dominação colonial que corrompeu suas identidades e os transformou em novas figuras, fantoches dos colonos e dos países de primeiro mundo.

A dominação cultural classificou-os como isentos de civilidade e conhecimento, silenciou seus apelos por reconhecimento como seres humanos, dotados de muitos atributos. A autora de “Dossiê saberes subalternos” relata um pouco da posição do Oriente nesse cenário etnocêntrico europeu “O conceito de “orientalismo” que Said desenvolve se refere à maneira como conhecimento articulado a partir do olhar hegemônico da cultura europeia foi capaz de homogenizar e exotizar toda uma vasta região, entendida como periférica: O Oriente. Mistificando-a, e infantilizando sua gente.” (p.400), conclui-se que colocaram o continente oriental em um patamar bem menor que a Europa, reforçando a imagem de que seus habitantes não tinham nada a oferecer. (PELÚCIO, 2012)

Ainda segundo o texto, as análises sobre o que é a subalternidade consistem em perceber os fundamentos históricos, desde o processo da colonização e os seus reflexos, o legado de superioridade que os povos dominantes deixaram, ocultando a cultura de outras populações consideradas subalternas. O poder ficou limitado à minoria européia em contraposição aos latinos, orientais, africanos e entre outros. A autora cita o livro de Spivak que trata sobre a fala do subalterno, em seu texto a autora retrata o quanto os subalternos foram privados de sua fala, não lhes permitiram reivindicar suas necessidades, muito menos demonstrar suas qualidades, o que engloba seus valores e crenças, lhes calaram sem nenhum tipo de remorso e diminuíram em todos os sentidos seu potencial, e para ela as mulheres seriam as maiores vítimas desse fenômeno que silenciou a todos socialmente desfavorecidos.

É observado que diante de tais questões essas mulheres que se encontram, principalmente, nas regiões marginalizadas do globo têm buscado cada vez mais se posicionar por seus direitos. “Nesse momento de crítica, feministas com diferentes formações buscavam por novas estratégias epistemológicas. Algumas estabeleceram um diálogo crítico com o pós-modernismo e o pós-estruturalismo tomando parte de suas propostas desconstrucionistas para desvelar as redes de poder que ocultam aparente objetividade do conhecimento científico.” (PELUCIO, 2012, p.404)

O meio em que sobrevivem essas mulheres as obriga a permanecer no estágio de opressão, pois são ensinadas que sua condição não pode ser alterada, foi o que o colonialismo fez com os povos. No grupo de subalternos há camadas e a menor delas pertence às mulheres, os brancos ricos europeus falam pelos homens

pobres mestiços, negros e esses por sua vez falam pelas mulheres pobres, ou seja, o espaço só lhe é dado se essas mesmas mulheres através do conhecimento reconhecem o seu valor na sociedade, com muita luta, pois são subjugadas constantemente. No livro “Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura” organizado por Heloisa Buarque de Hollanda publicado em 1994 é relatado “Parece óbvio que para alguns de nós que esta mulher não emancipada, no espaço descolonizado, estando duplamente deslocada nele, é o veículo apropriado para uma crítica pura e simples análise de classes. Separada do centro do feminismo, essa figura, a figura da mulher da classe subalterna, é singular e solitária” (p.191). Entre essas mulheres não pode existir neutralidade, mas um posicionamento férreo pela busca de seus direitos. (HOLLANDA, 1994)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos ao longo desse breve artigo que o Islã promoveu diversas mudanças no modo de vida dos árabes desde o seu surgimento as mulheres foram diretamente afetadas, devido à posição que ocupam na sociedade. As interpretações de cunho patriarcal fizeram com que essas figuras fossem constantemente subjugadas, sendo seu dever apenas seguir os padrões que lhe foram impostos, sem ao menos terem o direito de serem ouvidas se viram friamente caladas. Muitos direitos foram estabelecidos pelo Islã, porém, as práticas se diferenciam drasticamente das normas teóricas, sendo incorporadas de formas diferenciadas em cada região que absorveu a religião islâmica. Com o decorrer do tempo as consciências individuais e sociais foram mudando e o movimento feminista islâmico é um marco muito importante para as mulheres muçulmanas que desejam ser reconhecidas como ser ativo da sociedade.

Faz-se necessário entender que há diversos tipos de movimentos feministas por todo mundo, em relação ao feminismo Islâmico que foi tratado nesse artigo, por exemplo, algumas feministas do Ocidente acreditam que a religião nunca deixará de ser um mecanismo de opressão patriarcal, no entanto, as mulheres islâmicas conseguem enxergar meios de libertação através de sua crença, sem ter que negar suas origens, estabelecendo expectativas positivas para melhorar suas condições de vida a partir de sua própria cultura, confirmando tais afirmações o autor de “Dossiê saberes subalternos” descreve: “A relação entre “centro” e “periferia”, pode ser experimentada dentro mesmo das fronteiras do Sul, mas sob a marca das hierarquias raciais e de gênero. Essas tensões se deram, ainda, no interior do próprio feminismo, refiro-me, sobretudo, ao norte-americano [...] haveria uma perspectiva vitimizadora, essencializadora e até mesmo salvacionista na maneira como o feminismo produzido nos países tidos como centrais pensavam essas alteridades.” (PELUCIO, 2012, p.406 - 407)

Existe a necessidade cada vez maior de representatividade dessas mulheres em seus contextos de origem e também das várias outras figuras femininas, pois a causa pelas quais lutam, sobretudo por igualdade são para que suas vozes sejam ouvidas independente do local no qual seja reproduzida, todas devem estar incluídas sendo consideradas como seres humanos dotados de alteridade e acima de tudo mulheres empoderadas, pois o colonialismo permeia em todas as sociedades e visa implementar padrões ocidentais em todos os âmbitos, pois desvaloriza as culturas pré existentes. As feministas islâmicas enfrentam três grandes problemáticas, o patriarcado, conservadorismo vigente e o colonialismo ocidental. (HOLLANDA, 1994)

O conhecimento é o primeiro passo para se reivindicar algo, sendo necessário conhecer as culturas às quais essas mulheres estão inseridas e compreender seus desejos. Dar voz a elas seria a primeira iniciativa para um grande avanço. O feminismo é uma corrente de pensamento que tem sido fundamental para que muitas mulheres conquistem seus direitos, mas é preciso entender que existem diversas vertentes e cada mulher se integra as várias formas de manifestações conforme suas necessidades individuais, pois os países muçulmanos absorveram as leis de maneiras diferentes, na Arábia Saudita, por exemplo, as mulheres não podem dirigir, são privadas da participação política e de freqüentar universidades, diferente dos países como Irã, no entanto, através de muitas reivindicações á partir do dia 24 de junho de 2018 as mulheres da Arábia Saudita poderão conduzir transportes para realizar suas atividades diárias. Pode-se concluir que independente de onde estejam as causas dessas feministas culminam em uma mesma motivação: Liberdade.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 41-80.
- VAINFAS, R.; FARIA S. C.; FERREIRA, J.; SANTOS, G. **História**. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 98-105.
- IBRAHIM, I. A. **Um breve guia ilustrado para compreender o islã**. Londres: Darussalam, 2008.
- JOMIER, Jacques. **Islamismo: História e Doutrina**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 131-145.
- CLARK, Malcon. **Islã para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. p. 187-200.
- AZIM, S. A. **A Mulher no Islam Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Fambras, 2013.
- LIMA, Cila. **Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2014. p. 675-684.
- PELUCIO, Larissa. **Dossiê Saberes Subalternos: Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós colonialismos, feminismo e estudos queer**. São Paulo: Contemporânea, 2012. p. 395-418.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.
- HAKER, H.; ROSS, S.; WACKER, M. T. **Vozes femininas nas religiões mundiais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MOHAGHEGHI, Hamideh. **Vozes femininas nas religiões mundiais: O despertar da mulher nas comunidades muçulmanas. Em foco a situação na Alemanha**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 70-80.
- LABIDI-MAIZA, M. **Vozes femininas nas religiões mundiais: Herança do meu pai. Percurso de uma mulçumana feminista**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 81-90.
- Mulheres se preparam para dirigir pela primeira vez na Arábia Saudita**, G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/olha-que-legal/noticia/mulheres-se-preparam-para-dirigir-pela-1a-vez-na-arabia-saudita.ghtml>>, Acesso em: 21 jun. 2018.
- LIMA, Cila. **Feminismo Islâmico no Oriente Médio: Egito e Turquia**. Congresso Português de Sociologia: Universidade do Porto Faculdade de Letras, Sociologia e Ciências da Educação. Disponível em: <http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0549_ed.pdf>, Acesso em: 24 jun. 2018.
- Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030407_religiaoislamismo.shtml>, Acesso em: 24 jun. 2018.
- Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/cilalima>>, Acesso em: 15 jun. 2018.
- Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/patriarcado/>>, Acesso em: 12 jul.2018.